

A Inclusão de pessoas com altas habilidades

Rosiléia da Cruz Lopes : Universidade Estácio de Sá

Contato: rose.c1@outlook.com

Jesiane de Souza Marins Lopes- Universidade Estácio de Sá
Luís Antônio Monteiro Campo- Universidade Católica de Petrópolis

Resumo: O presente artigo tem como objetivo levantar através de revisão bibliográfica, o que já foi estudado e publicado em trinta artigos dos periódicos Bireme e Scielo, sobre temas relacionados a inclusão social e educacional de pessoas com altas habilidades desde 2005. Resume o histórico de definições sobre inteligência para facilitar o entendimento sobre altas habilidades/superdotação, faz uma análise dos métodos de diagnóstico das altas habilidades, das principais características observadas e dos principais mitos que atrapalham a inclusão, a fim de facilitar o entendimento do percurso feito para o desenvolvimento dos portadores dentro das esferas escolar, social e familiar. Esse método de investigação foi usado para facilitar a elaboração de novas reflexões, que poderão gerar interesse na produção de mais pesquisas, a fim de esclarecer e desenvolver a área de inclusão dos portadores de AH/SD.

Palavras-chave: Superdotação, Altas Habilidades, Inteligência, Inclusão e Necessidades Especiais.

The inclusion of people with high abilities

Abstract: This article aims to show through bibliographic review, what has been already studied and published in thirty articles of Bireme and Scielo's periodicals, about topics related to social and educational inclusion of people with high abilities since 2005. It summarizes the history of definitions about intelligence to facilitate the understanding about high abilities, conducts an analysis of the high abilities diagnosis' methods, the main observed characteristics and the main myths that make the inclusion difficult, for the purpose of facilitating the understanding of the course taken in order to develop the carrier within the school, social and familiar spheres. This research method facilitates the elaboration of new reflections that can generate interest in the production of more researches, to clarify and develop the area of inclusion of people with high abilities.

Key words: Giftedness; High Abilities; Intelligence; Inclusion; Special Needs.

1. Introdução

A inclusão de crianças com necessidades especiais no contexto escolar e em outras áreas da sociedade, levou a elaboração de políticas, leis, programas e serviços, pois é um assunto de grande relevância social. Fazendo parte deste grupo estão crianças com algum tipo de déficit, sejam eles, cognitivos ou físicos. Mas é interessante notar que dentro das características das chamadas necessidades especiais, existem crianças com habilidades muito acima do nível esperado para sua faixa etária, que de acordo com estudos feitos sobre o assunto nos artigos usados para a fundamentação deste trabalho, estão sendo negligenciadas a nível de atenção às suas peculiaridades que, se desenvolvidas de forma correta, evitaria a exclusão e conseqüentemente, o sofrimento de uma parcela grande de crianças, que por falta de acesso a uma educação voltada a desenvolver essas habilidades especiais, são expostas a problemas na área psicológica, como estresse, depressão, problemas de níveis psicossomáticos, e de cunho social como *bullying*, evasão escolar, conflitos familiares, drogas, etc.

Estudos referentes a altas habilidades estão limitados aos resultados colhidos em testes de quociente de inteligência, que se limita a uma área específica de habilidade, sendo que hoje pode-se perceber um consenso sobre a existência de múltiplas inteligências. Já na década de 80, Howard Gardner considerava os testes padronizados como parciais e incompletos, pois com a nova perspectiva, seria difícil de medir os diversos tipos de inteligência dentro dos suas diferentes características.

No Brasil, o Ministério da Educação em seu guia, “Saberes e Práticas da Inclusão” de 2006, considera que altas habilidades apresentam características notáveis em diversas áreas do saber de conteúdo escolar ou não, baseado em características específicas de cada área, mas considerando conteúdos comuns a todos os portadores de altas habilidades, que

precisam ser observadas por professores e familiares, a fim de investir em iniciativas de incentivo do desenvolvimento desses jovens. As questões envolvendo esse tema são muitas, como inclusão, adequação e instrumentação curricular, atendimento psicoterápico e psicopedagógico ao portador de altas habilidades, representação social, características e envolvimento familiar, políticas públicas, etc., mas é importante pensar quais são as carências da literatura no que diz respeito às altas habilidades, o que tem sido produzido nos últimos 10 anos sobre o assunto e quais os principais conceitos sobre o tema? Esses e outros tópicos são importantes para delinear de forma mais clara processos que envolvem as altas habilidades e podem suprir suas necessidades especiais.

De acordo com o site da Associação Brasileira de Altas Habilidades e Superdotação (ABAHSD), até 2014 não foram vistos grandes interesse nas pesquisas, assim, é importante a realização de estudos nesta área, a fim de delimitar todas as características das altas habilidades e abrir ao conhecimento de todas as camadas sociais, desmistificando os mitos e preconceitos. O campo acadêmico tem um caminho muito significativo a percorrer, quanto a elaboração de conceitos e instrumentação para a ampliação do conhecimento da área de altas habilidades, trazendo assim, um grande avanço e contribuição para as áreas da educação e da inclusão social.

Breve histórico e principais conceitos sobre inteligência e superdotação

No decorrer da história todas as tentativas de se estudar o ser humano a partir de uma perspectiva isolada, mostrou a necessidade de uma integração de suas características. Hoje percebe-se uma necessidade de se abordar aspectos integrais do ser humano para um entendimento mais amplo do mesmo. Um exemplo disso, é a teoria de Howard Gardner sobre as múltiplas inteligências, que é bem aceita até hoje por sua flexibilidade diante de

aspectos diferentes que interagem, como o biológico o psicológico e o social. Sua teoria criou uma revolução, pois nesta época havia mais interesses em medir a inteligência e não de conceitua-la.

Dentro da história, a ciência começa seus esforços para investigar a inteligência a partir do século XX com conceitos unidimensionais, como de Galton (1822) tomando como base a hereditariedade. Alfred Binet e Théodore Simom (1857), desenvolverem a Escala Binet-Simom com critérios de avaliação voltados à assuntos acadêmicos, chegando ao conceito de idade mental, estudo este, adaptado e usado até hoje. Em 1912 o Psicólogo Wilhelm Sten desenvolveu o cálculo conhecido como Quociente de Inteligência (QI) que avalia o nível mental de uma pessoa. Por volta de 1930 já com uma visão crítica da limitação da avaliação de QI, Thustone ampliou o conceito para medição da inteligência separando-a em sete seguimentos chamados habilidades primárias, reconhecendo assim que existem outros aspectos independentes que precisam ser investigados. Assim, já se pode perceber os esforços de visões mais pluralista sobre a investigação da inteligência, onde teve um grande impulso com os estudos do Psicólogo Jean Piaget (1951), que investiga com grande ênfase as questões biológicas, tratando da organização estrutural da inteligência, mas identificando a influência do meio na sua aquisição e organização em um ponto de vista funcional. (Sabatella 2013).

Outros importantes teóricos que conceituaram inteligência: Charles Spearman (sec.XX), classificava a inteligência como geral, ou seja, pessoas brilhantes nunca são apenas em um aspecto, são em todas as áreas de ação, uma espécie de energia mental fluida. L.L. Thurstone (1938), identificava sete tipos independentes de capacidades mentais: *Capacidade espacial, memória, velocidade de percepção, fluência verbal, capacidade*

numérica, raciocínio e significado verbal. Portanto, uma pessoa dotada de uma dessas capacidades não necessariamente seria em outra. R. B. Carttel (1971), dividiu em dois grupos as capacidades mentais: *Inteligências Cristalizadas*, como raciocínio, capacidades verbais e numéricos. Percebe-se que é um grupo onde suas capacidades tendem a ser valorizadas em contextos escolares. *Inteligências fluidas*: então entre elas a imaginação espacial e visual, a percepção de espaços visuais e a capacidade para aprender de cor. (Morris 2004). Howard Gardner (1983 a 1993), considerava que a inteligência é um potencial tanto biológico como psicológico, portanto se realiza de acordo com estímulos do meio, assim como uma habilidade para solucionar problemas ou criar algo, levando em conta o significado cultural. Ele formulou a teoria das múltiplas inteligências: *Inteligência linguística*: é a capacidade de desenvolvimento da linguagem falada e escrita com grande habilidade de atingir objetivos, expressar e avaliar conceitos complexos além de ler, escrever e interpretar textos. *Inteligência lógico: matemática*: pensamento e raciocínio científico e indutivo, com grande habilidade em raciocínio lógico e abstrato. *Inteligência espacial*: grande percepção do sentido visual, com habilidades de projeção e memorização espacial. *Inteligência corporal*: cenestésica: habilidades motoras bem desenvolvidas, entre elas a memória mecânica, basicamente se utiliza do corpo para aprender, planejar e se expressar. *Inteligência musical*: habilidade em reconhecimentos de padrões musicais complexos, ritmo, tons, composições, entonações e memorização de melodias. *Inteligência interpessoal*: grande habilidade para perceber e entender intenções, mudanças, interesses, desejos do próximo e grande capacidade de influência. *Inteligência Intrapessoal*: grande capacidade de perceber limites e potencialidades de si mesmo e dos outros, habilidade para lidar com conflitos internos e emocionais. *Inteligência naturalista*: grande capacidade e potencial para entender os recursos naturais, com ênfase na organização dos sistemas e respeito aos recursos naturais

do universo. (Gardiner 1994). Robert Sternberg (1985, 1986): capacidade composta por habilidades analíticas abstratas, práticas e criativas. Para ele, uma compreensão adequada de inteligência implica na interação dessas três dimensões e formulou a teoria da inteligência triárquica: *Inteligência Componential*: capacidade analítica, lógica e de raciocínio. *Inteligência Experiencial*: capacidade de resolver novos problemas com rapidez, criatividade e perícia. *Inteligência Contextual*: Capacidade de se adaptar ao contexto sociocultural e as suas circunstâncias. (Morris 2004). E Daniel Goleman (1995): faz seu estudo tomando como base o conceito de inteligência emocional, capacidade de reconhecer nossos sentimentos e o das outras pessoas, para motivarmos e para poder lidar adequadamente com as nossas emoções, tanto em relações a nós mesmos, quanto às pessoas com as quais nos relacionamos (Goleman 1995).

A partir das diferentes concepções que surgiram no decorrer da história, percebe-se que é muito difícil adotar uma única definição sobre conceito de inteligência, mas podemos refletir na pluralidade do termo dentro de seus aspectos psicométricos, cognitivistas, desenvolvimentistas e socioculturais e os diversos fatores que influenciam na flexibilização de sua compreensão dentro de contextos sociais distintos e que estão em constantes transformações. Se existem diferenças na obtenção de conhecimento, processamento de informações e na forma como as pessoas se utilizam do que foi aprendido, é importante pensar em como as pessoas que são classificadas superdotadas se relacionam com suas potencialidades e como as escolas e a sociedade deve entender essas diferenças.

No Brasil, o Ministério da Educação junto com a Secretaria de Educação Especial elabora um material com o interesse no desenvolvimento dos saberes na área de inclusão de alunos com altas habilidades. Mas para entender a necessidade de inclusão é importante o conhecer como a superdotação é conceituada hoje.

De modo geral, a superdotação se caracteriza pela elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades, evidenciando no alto desempenho nas diversas áreas de atividade do educando e/ou a ser evidenciada no desenvolvimento da criança. Contudo, é preciso que haja constância de tais aptidões ao longo do tempo, além do expressivo nível de desempenho na área de superdotação (Ministério da Educação – MEC, 2006, p. 12).

Os superdotados são igualmente classificados como portadores de altas habilidades e a Teoria dos Três Anéis de Renzulli, é a que melhor aborda as características do tema. De acordo com a teoria, os superdotados apresentam comportamentos definidos por três traços: habilidade acima da média em alguma área do conhecimento, levando em conta a média etária de sua origem sociocultural; comprometimento com a tarefa, que implica em uma significativa motivação com a área de seu interesse; e criatividade, de modo geral, caracteriza-se por saber se utilizar de diferentes formas de aplicação de sua habilidade. O autor afirma a importância do entendimento dos comportamentos para o desenvolvimento do superdotado e a desmistificação de mitos que impedem esse desenvolvimento (Pérez 2012).

Superdotação, inclusão e mitos

A forma como o homem constrói sua existência no decorrer da história, está ligado em sua caminhada pela busca do atendimento das suas necessidades básicas. Mas essa busca não se dá de forma homogênea para todos, Max afirma que existem graus de desenvolvimento entre as relações e entre as forças produtivas materiais que contribuem para as diferenças sociais, expondo assim, dentro de uma perspectiva histórica, indivíduos que não se enquadram nos padrões considerados normais. (Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP 1998).

A partir desta temática, a educação inclusiva surge com o intuito de prestar atendimento a crianças portadoras de necessidades especiais a partir de uma abordagem pedagógica, para o desenvolvimento das especificidades de

cada necessidade. Em defesa de uma educação justa para todos, a declaração de Salamanca se mostra um importante documento que dá legalidade da educação inclusiva, tratando dos princípios políticos e práticos da educação para pessoas com necessidades especiais (Tessaro 2011).

É importante retificar que desde 1961 no Brasil, o Congresso Nacional decretou em sua Lei de Diretrizes da Educação Nacional no cap. V, art. 58, sancionou a lei para a regulamentação e apoio a educação especial que Entende por educação especial, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

A educação especial é caracterizada por acolher todas as crianças independente de quaisquer diferenças em qualquer área, físicas, intelectuais, psicológicas, sociais ou culturais, assegurando um ensino de qualidade com atendimento educacional especializado com elaboração de sistemas de ensinios inclusivos, com instrumentos que possibilite a democratização e o acesso ao pleno currículo escolar (MEC 2006). As crianças com altas habilidades devem estar expostas a diferentes situações de aprendizagem para facilitar o seu desenvolvimento frente a seus talentos criativos e críticos, aliados ao seu desenvolvimento social e seu autoconceito positivo (Fleith, 2006). Mas com tantas leis e diretrizes regulamentadas no país, porque a superdotação é tão pouco interesse a identificação de alunos com altas habilidades?

De acordo com a ABAHDS, os mitos que envolvem a surperdotação atrapalham no entendimento de suas características por parte das famílias, escolas e sociedade, dificultando assim, o desenvolvimento, a inclusão e o empenho de escolas, professores e cientistas na elaboração de projetos, estudos e que facilitem a identificação desses alunos e de suas altas habilidades. Outro fator importante diz respeito a falta de profissionalização de educadores, a fim de tornarem aptos a fazerem um diagnóstico correto para o

direcionamento de um trabalho voltado para o desenvolvimento desses alunos. Sendo assim, até o interesse científico em pesquisas para desenvolver o tema, fica comprometido. A partir da pesquisa bibliográfica feita por este presente artigo, pode-se notar que nos últimos dez anos, as pesquisas nesta área são muito significativas, no que se trata de mitos que atrapalham o entendimento da superdotação. Assuntos como preconceito, estereótipos e falta de diagnósticos e de capacitação de profissionais na aplicação e desenvolvimento de testes e inventários, permeiam as pesquisas, levando a um apelo pelo interesse por esta área e mostrando grandes prejuízos causados pela falta de conhecimento.

Os principais mitos que atrapalham o entendimento das altas habilidades/superdotação de acordo com a ABAHSD 1998 são: *O superdotado é um ótimo aluno e tira sempre as melhores notas*, a partir da Teoria dos Três Anéis, Renzulli (MEC 2006) destaca que a criança superdotada nem sempre desenvolvem os três traços igualmente, sendo assim importante caracterizar a superdotação como um comportamento a ser desenvolvido e estimulado de acordo com a habilidade de interesse, que não necessariamente estariam dentro dos conteúdos acadêmicos. *As crianças superdotadas têm um alto Quociente de Inteligência*, como já abordado neste artigo, existe uma diversidade de conceitos que permeiam a inteligência, e por consequência, há mais de um conceito sobre as altas habilidades, tornando assim, impossível a identificação, a partir de apenas um tipo de teste específico, de diversas características subjetivas, intrínsecas e de interpretações sociais distintas da superdotação. *Superdotados são crianças estranhas, franzinas, e usam óculos com lentes grossas*, esse é um dos estereótipos mais comuns que permeiam o senso comum, mas que devem ser descartados, pois as diferenças que permeiam a superdotação tem relação ao desempenho e não a características físicas. *São hiperativas e possuem cérebro com mais neurônios*, a agitação em busca de saber, não tem características clínicas

de hiperatividade. Estudos já mostraram que a quantidade de células nervosas em pessoas que demonstraram altas habilidade, são as mesmas. *São tão talentosas que não precisam de ajuda e nem de estímulos*, uma das maiores críticas na grande maioria dos artigos analisados, foi a falta de estímulo para ajudar no desenvolvimento de estudantes superdotados, acarretando neste aluno grandes prejuízos. *Dizer a uma criança que ela é muito talentosa e inteligente, faz com que ela se sinta superior as outras*, crianças precisam saber do seu potencial, para desenvolvê-lo e para nutrir um autoconceito positivo, com colaboração equilibrada de familiares e da própria escola. *Um programa educacional para superdotados é algo sofisticado e caro*, mas isso não é verdade, pois a educação desta criança é a mesma das outras e os educadores tem os mesmos compromissos que tem com as outras crianças. Oportunidades a nível de suas habilidades, podem ser conseguidas dentro da própria sala de aula a partir de recursos acessíveis e disponíveis a qualquer escola, trata-se apenas de criatividade e interesse, para a aplicação dessa educação inclusiva, que não deixa de ser um desafio. *O professor de superdotados necessita também ter altas habilidades*, o professor em qualquer momento precisa de sensibilidade, criatividade, afetividade e interesse pelo que faz. Com o apoio de suporte técnicos e aperfeiçoamentos para trabalhar com áreas específicas do saber, independentemente da sua do local onde atua e das características e habilidades de seus alunos. *É sempre melhor e é perfeito em tudo que faz*, assim como qualquer pessoa, o superdotado pode se destacar em alguma área e isso não é afirmação para que isso aconteça em todas as áreas e com perfeição. A alta expectativa em cima da criança não é saudável e pode levar ao desinteresse, fadiga, desmotivação e a rejeição do próprio talento. *São de classes sociais mais favorecidas economicamente*, mas de acordo com uma pesquisa realizada em 2014 que identificava adolescentes em situação de rua com potencial para altas habilidades/

superdotação, não é verdade. Mas o que se deve ser considerado é que crianças de baixa renda, tem menos oportunidade de mostrar seu talento, pois vivem em ambientes com menos estímulos, tanto por parte de familiares quanto de professores. *Sempre apresenta sinais de precocidade*, a precocidade pode ou não aparecer em crianças superdotadas. Neste caso o desenvolvimento das habilidades de forma contínua durante o crescimento, vai ajudar na diferenciação desta característica. Levando em conta também que dentro da precocidade estão envolvidos aspectos a serem considerados como, fatores ambientais, genéticos ou ambos. O importante é estimular a criança independentemente de serem precoces ou não. *O desenvolvimento social e emocional dos superdotados estão no mesmo nível que seu desenvolvimento intelectual e acadêmico*, algo muito importante a se perceber nas crianças portadoras de altas habilidades, é o conflito vivido entre sua idade mental e cronológica. Então é totalmente contraditório a afirmação deste mito. Pois conviver com esse dilema, pode trazer prejuízos, justamente, nas áreas biopsicossocial.

A identificação e desmistificação desses mitos, é o primeiro passo para facilitar a propagação e o interesse de iniciativas de desenvolvimento educacional. Facilita a inclusão social e facilita o convívio familiar de crianças com altas habilidades/superdotação. Existem exemplos de iniciativas como, a coleção “Saberes e Práticas” formulada pelo MEC 2006, inclui práticas de orientação para a inclusão em classes comuns do ensino regular, que precisam ser colocadas em prática com eficácia.

Dados dos artigos pesquisados

Para uma análise sobre o desenvolvimento das pesquisas nos últimos 10 anos no Brasil sobre altas habilidades/superdotação, foram colhidos e organizados em tabelas, alguns dados de 30 artigos, que possibilitam a reflexão dos estudos nesta área, a fim de gerar um maior interesse de desenvolvimento e ampliação de conhecimento sobre o tema.

De acordo com os dados dos artigos pesquisados, foram identificados na Tabela 1, os principais mitos que atrapalham o entendimento nos âmbitos social, familiar e escolar, na Tabela 2 as características mais observadas e estudadas nos portadores de altas habilidades/ superdotação e na Tabela 3, os instrumentos mais usados para identificação das altas habilidades.

Tabela 1

Mitos mais mencionados nos artigos pesquisados

que citaram	Mitos	Quantidade de artigos
	“O SD é um ótimo aluno e tira sempre as melhores notas.”	10
	“As crianças superdotadas têm um alto Quociente de Inteligência.”	7
	“São de classes sociais mais favorecidas economicamente.”	6
	“O desenvolvimento social e emocional dos superdotados estão no mesmo nível que seu desenvolvimento intelectual e acadêmico.”	6
	“São tão talentosas que não precisam de ajuda e nem de estímulos.”	6
	“As crianças superdotadas se tornam adultos eminentes.”	3
	“ Não se deve investigar a SD”	3
	“É uma característica exclusivamente genética”	2
	“É uma característica que depende exclusivamente do estímulo ambiental”	2

Nota: De 30 artigos apenas 2 não citaram mitos. Alguns citaram mais de um mito.

Tabela 2

Aspectos mais observadas e estudados nos artigos sobre os portadores de AH/SD

Aspectos	Quantidade de artigos que citaram
Criatividade	18
Habilidades específicas ou capacidade superior	15
Motivação ou envolvimento com a tarefa	15
Características de aprendizagem	8
Autoconceito	6
Aspectos sociais ou ambientais	5
Características físicas ou genéticas	4
Liderança	3
Planejamento	2
Comunicação	1

Nota: Total de artigos: 30. Alguns dos artigos citaram mais de um aspecto.

Tabela 3

Instrumentos mais usados nos artigos para identificação de AH/SD

Instrumentos / quantidade de artigo que usaram	Objetivo
Entrevistas não estruturadas e semiestruturadas / 9	Colher dados específicos que permitam gerar hipóteses ou produzir comparações entre os entrevistados.
Teste Torrance de Pensamento Criativo – TTCT / 5	Avaliação de aspectos relacionados ao processo criativo e à personalidade por meio da produção criativa expressa de forma verbal e figurativa.
Teste de inteligência: Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral / 4	Utilizado para se estimar a inteligência de uma pessoa. Mede o QI.
Escala de Avaliação da Motivação para Aprender de Alunos do Ensino Fundamental – EMA / 2	Essa é uma escala de estrutura bi fatorial para avaliação de motivação intrínseca e extrínseca.
<i>Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III) / 2</i>	Tem por finalidade avaliar a capacidade intelectual de crianças.

Nota: De 30 artigos 8 não tiveram o objetivo de identificar AH/SD através de instrumentos, mas apenas discutir teoricamente alguns aspectos sobre o tema.

Considerações finais

A partir dos dados colhidos na Tabela 1 sobre os mitos mais citados, observa-se uma grande prevalência dos mitos que envolvem o desempenho nas áreas acadêmicas e na visão unilateral dos testes de QI. Mas levando em consideração os dados obtidos na Tabela 2, sobre os aspectos de maior interesse para os estudos nestes artigos, podemos destacar três: criatividade, motivação e habilidades específicas, aspectos que além de revelarem a predominância do modelo dos Três Anéis de Renzulle, destaca a amplitude de características que podem ser observadas nestes aspectos, em contraponto com os mitos que limitam a identificação de características muito relevantes e variadas sobre AH/SD. A Tabela 3 também reforça o entendimento de que o tema é mais amplo de que se conhece, pois os instrumentos mais usados nas investigações das características da superdotação foram justamente o que investiga aspectos mais amplos, como as entrevistas não estruturadas e semiestruturadas e o TTCT, que avalia justamente a característica mais observada: criatividade, deixando o teste de QI em terceiro lugar dos mais usados para investigação das AH/SD, ou seja, mostrando que existe um consenso sobre a amplitude das características de identificação dos superdotados.

Referências:

- 1- ANTIPOFF, Cecília Andrade, & CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (2010). **Superdotação e seus mitos. Psicologia Escolar e Educacional**, 14(2), 301-309. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000200012&lng=en&tling=pt.10.1590/S1413-85572010000200012.
- 2- ABAHSD. Associação Brasileira de Altas habilidades/superdotação. (1994). *Anais do X Seminário de Superdotação. Oportunidades educacionais para alunos portadores de altas habilidades*. Espírito Santo: ABAHSD.
- 3- AZEVEDO, Sonia Maria Lourenço de, & METTRAU, Marsyl Bulkool. (2010). **Altas habilidades/superdotação: mitos e dilemas docentes na indicação para o atendimento**.

Psicologia: ciência e profissão, 30(1), 32-45. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100004&lng=pt&tlng=pt.

4- BARBOSA, Maria Claudia Dutra Lopes, SIMONETTI, Luci Gelabert, & RANGEL, Mary. (2005). **Relato da vida escolar de pessoas com o transtorno obsessivo-compulsivo e altas habilidades: a necessidade de programas de enriquecimento**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11(2), 201-222. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382005000200004&lng=pt&tlng=pt.

5- BARRETO, Célia Maria Paz Ferreira, & METTRAU, Marsyl Bulkool. (2011). **Altas habilidades: uma questão escolar**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 17(3), 413-426. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000300005&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-65382011000300005.

6- BECKER, Maria Alice, ROJAS, Nino, GILLERMO, Carlos & WEIGEL, Valeria. (2009). **Pesquisa na área Sateré-Mawé: a descoberta de talentos indígenas**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 55-63. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100007&lng=pt&tlng=pt.

7- BRASIL. Ministério da Educação. (1961). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC.

8- CARDOSO, Adriana Oliveira Guimarães, & BECKER, Maria Alice d'Avila. (2014). **Identificando adolescentes em situação de rua com potencial para altas habilidades/ superdotação**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(4), 605-614. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000400011&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-65382014000400011.

9- CHAGAS, Jane Farias, & FLEITH, Denise de Souza. (2009). **Estudo comparativo sobre superdotação com famílias em situação socioeconômica desfavorecida**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 15(1), 155-170. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000100011&lng=pt&tlng=pt.

10- CHAGAS, Jane Farias, & FLEITH, Denise de Souza. (2011). **Perfil de adolescentes talentosos e estratégias para o seu desenvolvimento**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 385-392.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400001&lng=en&tlng=pt.

11- CIANCA, Fabiane Silva Chueire, & MARQUEZINE, Maria Cristina. (2014). **A percepção dos coordenadores de licenciaturas da UEL sobre altas habilidades/superdotação.** Revista Brasileira de Educação Especial, 20(4), 591-604. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000400010&lng=en&tlng=pt.

12- CIP. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação. **Um Olhar Sobre a Diferença: interação, trabalho e cidadania.** Campinas, SP: Papirus, 1998

13- DALOSTO, Marcília de Moraes, & ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. (2013). **Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação.** Revista Brasileira de Educação Especial, 19(3), 363-378. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000300005&lng=en&tlng=pt.
[10.1590/S1413-65382013000300005](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000300005).

14- FERREIRA, Jane Farias Chagas, & FLEITH, Denise de Sousa. (2012). **Characteristics and dynamics of the family of talented adolescents.** Estudos de Psicologia (Natal), 17(1), 15-23. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000100003&lng=pt&tlng=en.

15- FLEITH, D. (2006). *Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: altas habilidade/superdotação.* (4. Ed). Brasília: MEC.

16- GARDINER, H. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994

17- GARDINER, H. **Inteligências: um conceito reformulado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

18- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

19- GUENTHER, Zenita Cunha, & RONDINI, Carina Alexandra. (2012). **Capacidade, dotação, talento, habilidades: uma sondagem da conceituação pelo ideário dos educadores.** Educação em Revista, 28(1), 237-266. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100011&lng=pt&tlng=pt.

- 20- HAZIN, Izabel, LAUTERT, Síntria Labres, FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha, GARCIA, Danielle, Gomes, Ediana, & BORGES, Mariana. (2009). **Contribuições do WISC-III para a compreensão do perfil cognitivo de crianças com altas habilidades.** Avaliação Psicológica, 8(2), 255-265. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200011&lng=pt&tlng=pt.
- 21- LAMAS, Karen Cristina Alves, & BARBOSA, Altemir José Gonçalves. (2015). **Características sociocognitivas de estudantes com dotação e talento: estudo comparativo.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, 16(1), 35-48. Recuperado em 19 de outubro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000100005&lng=pt&tlng=pt.
- 22- LINHARES, Renato Vidal, FERNANDES, José Filho, & METTRAU, Marsyl Bulkool. (2013). **As características dermatoglíficas de crianças e adolescentes talentosos do Instituto Rogério Steinberg do Rio de Janeiro - RJ.** Psicologia Clínica, 25(2), 153-164. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-56652013000200009.
- 23- METTRAU, Marsyl Bulkool, & REIS, Haydêa Maria Marino de Sant'Anna. (2007). **Políticas públicas: altas habilidades/superdotação e a literatura especializada no contexto da educação especial/inclusiva.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 15(57), 489-509. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000400003&lng=pt&tlng=pt.
- 24- MEC. Ministério da Educação. **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais do aluno com altas habilidades/superdotação.** (2.ed). Brasília: MEC, 2006
- 25- MEC. Ministério da Educação. **Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais.** (2. Ed). Brasília: MEC, 2006
- 26- MORI, Nerli Nonato Ribeiro, & BRANDÃO, Sílvia Helena Altoé. (2009). **O atendimento em salas de recursos para alunos com altas habilidades/superdotação: o caso do Paraná.** Revista Brasileira de Educação Especial, 15(3), 485-498. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000300011&lng=pt&tlng=pt.

27- MORRIS, C. G. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Prentice Hall, 2004

28- OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de, FLEITH, Denise de Souza, & GONÇALVES, Fernanda do Carmo. (2011). **Fatores Associados à Baixa Performance Acadêmica de Alunos Superdotados**. *Psicologia em Pesquisa*, 5(1), 28-38. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472011000100004&lng=pt&tlng=pt.

29- OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes, & FLEITH, Denise Souza. (2011). **A condição underachievement em superdotação: definição e características**. *Psicologia: teoria e prática*, 13(3), 206-222. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300016&lng=pt&tlng=pt.

30- PASSOS, Carolina Sertã, & BARBOSA, Altemir José Gonçalves. (2011). **Características de superdotação em um par de gêmeos monozigóticos**. *Psico-USF*, 16(3), 317-326. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000300008&lng=en&tlng=pt.
[10.1590/S1413-82712011000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000300008).

31- PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera, & FREITAS, Soraia Napoleão. (2011). **Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário Brasileiro**. *Educar em Revista*, (41), 109-124. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300008&lng=pt&tlng=pt.

32- PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **Mitos e crenças sobre pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento**. *Revista Educação Especial*, Vol 1, Iss 1, Pp 45-59 (2012). Disponível em <http://conbrasd.org/wp/?p=7714>

33- PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera, & FREITAS, Soraia Napoleão. (2012). **A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(4), 677-694. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400010&lng=en&tlng=pt.
[10.1590/S1413-65382012000400010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400010).

34- PINTO, Maia, RODRIGUES, Renata & FLEITH, Denise de Souza. (2002). **Percepção de professores sobre alunos superdotados**. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 19(1), 78-90.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100007&lng=pt&tlng=pt.

35- PRETTO, Janaína Pereira. (2010). **A influência do desejo parental nas altas habilidades/superdotação: uma abordagem psicanalítica.** Revista CEFAC, 12(5), 859-869. Epub April 23, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462010000500018&lng=en&tlng=pt.

36- RANGNI, Rosemeire de Araújo, & COSTA, Maria da Piedade Resende da. (2014). **Altas habilidades/superdotação e deficiência: reflexões sobre o duplo estigma.** Educar em Revista, (53), 187-199. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.33859>

37- RECH, Andréia Jaqueline Devalle, & FREITAS, Soraia Napoleão. (2005). **Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS.** Revista Brasileira de Educação Especial, 11(2), 295-314. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382005000200009&lng=en&tlng=pt.
[10.1590/S1413-65382005000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382005000200009).

38- REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos, & GOMES, Candido Alberto. (2011). **Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: a subrepresentação de meninas entre alunos superdotados.** Revista Estudos Feministas, 19(2), 503-520. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200013&lng=pt&tlng=pt.

39- SABATELLA, M L. (2013). **Talento e Superdotação: problema ou solução?** Curitiba: Intersaberes, 2012

40- SILVA, Paulo Vinícius Carvalho, & FLEITH, Denise de Souza. (2008). **A influência da família no desenvolvimento da superdotação.** Psicologia Escolar e Educacional, 12(2), 337-346. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000200005&lng=pt&tlng=pt.

41- TENTES, Vanessa Terezinha Alves, & FLEITH, Denise de Souza. (2014). **Características pessoais, familiares e escolares: estudo comparativo entre superdotados e superdotados underachievers.** Avaliação Psicológica, 13(1), 77-85. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712014000100010&lng=pt&lng=pt

42- TESSARO, N. *Inclusão Escolar: Concepções de professores e alunos da educação regular e especial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.